



E se desse para
DENEGRIR?



APPROACH
EDITORA

E se desse para
DENEGRIR?

Thiago Thomé

© Thiago Thomé, 2021

Essa obra está disponível em versão e-book com o Kindle (KDP) na Amazon

Produção Editorial

Marcos Eduardo Neves

Supervisão Editorial

Sergio Pugliese

Projeto gráfico e diagramação

Marcelo Pires Santana

Capa

Pandro Nobá

Corpo técnico Approach Editora

Marcio Ferro

Mateus Vandesteen

Esta obra foi revisada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Thomé, Thiago

E se desse para denegrir? / Thiago Thomé. --
Rio de Janeiro : Approach Editora, 2021.

ISBN 978-65-992260-7-6

1. Desigualdade 2. Ficção brasileira
3. Preconceito - Ficção 4. Racismo I. Título.

21-89421

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos dessa edição reservados a



APPROACH
EDITORA

Rua Eduardo Guinle 57, Botafogo
Rio de Janeiro, RJ, CEP 22260-090

Tel: (21) 3461-4616

e-mail: contato@approacheditora.com.br

Casa de Dona Ida

- Mãe, Marcus chegou! (Carolina)
- Aconteceu alguma coisa, você viu a cara dele? (André)
- Cadê seu irmão? (Dona Ida)
- Entrou, não falou com ninguém e subiu igual a um foguete! (Rosa)

Quarto do Marcus

- Ei, o que houve? Vamos descer. Seus irmãos estavam te esperando pra jantar. Você chegou, não falou com ninguém direito e veio direto pro quarto... (Dona Ida)
- Desculpa, mãe. Bença. (Marcus)
- Deus abençoe, meu filho. Mas, o que houve? (Dona Ida)
- Fui demitido, mãe, e sem motivo. Aliás, fui demitido por fazer meu trabalho. (Marcus)
- Mas, o que eles alegaram, filho? Enfim... se acalma... não quer tomar um banho, descer pra comer com seus irmãos e depois conversamos? Faz isso e vai se sentir melhor. (Dona Ida)
- Tá bom, mãe! (Marcus)
- Não demora. Fiz tutu, linguiça mineira e arroz fresquinho. (Dona Ida)
- Vou descer agora! (Marcus)

Sala

- Ah, até que enfim o preferido desceu...Rsrsrs (Rosa)
- Ele não teve um dia bom. (Dona Ida)
- Irmãos, desculpa. Entrei, não falei com ninguém... é que fui demitido e tô meio aéreo... não pela demissão, mas pela forma como foi... (Marcus)
- Racismo! Aposto que foi. Aquele escritório só de brancos, você chefe, eu sabia que eles não iriam aguentar por muito tempo. (Carolina)
- Para com isso! Pra você tudo é racismo. (Nelson)
- E pra você nunca é, né, ô “palmiteiro”! (Carolina)
- Ó que garota abusada, mãe. (Nelson)
- Parem! Agora, chega! Vamos comer. (Dona Ida)
- Ô, pega leve, mana. (André)

- Que isso, velha?! Que saudade que eu tava dessa comida! (Nelson)
- É só vir mais vezes e não só quando a branca te dá um pé na bunda. (Carolina)
- Parou agora! Chega! Não quero briga aqui dentro dessa casa, ainda mais na hora da comida. (Dona Ida)
- Mas, conta aí, mano. O que aconteceu lá no escritório? (André)
- Eu tenho... eu tinha um cargo de chefia. Aí, o escritório perdeu o prazo de uma causa que estava sob minha responsabilidade, mas essa causa veio pro meu setor tem um mês, esse prazo foi perdido há dois meses e o setor que cuidava dessa causa era do filho do dono do escritório. Então, fizeram uma reunião, mas eu fui preparado; estavam os outros sócios, era uma causa grande, muita grana, quando eles começaram a querer pôr a culpa em mim, apresentei então todas as provas e eles ficaram sem reação. No final do dia, fui chamado até à sala do chefe e ele disse que a convivência ficara insustentável e tinha que me demitir. (Marcus)
- Não disse que era racismo? Eu odeio os brancos! Ah! Óbvio que eles iam pôr a culpa no advogado preto. (Carolina)
- Que merda, mano. Eu tenho muito medo de passar por isso agora que estou formado. Minha área é totalmente embranquecida e acho que na hora que eu apresentar um projeto e um arquiteto branco apresentar outro, tenho medo que escolham pela cor e não pela competência. Dá vontade de comprar uma fantasia branca igual àquela que os dois policiais usam no filme das “Branquelas”, tá ligado? Só pra usar na hora de apresentar um projeto... (André)
- Já pensou se a gente pudesse ficar branco só nessas situações? Vocês não imaginam quantos testes para comerciais eu teria passado, se eu fosse branco... (Nelson)
- Gente, e se realmente desse? Não como Michael Jackson fez, mas algo que a gente ficasse e “desficasse” quando quisesse? (Rosa)
- Diz aí, geniazinha, dá? (Nelson)
- Cara, vou te falar, acho que dá. Existem estudos de mudança ou troca de DNA entre humanos vivos. Os testes já se iniciaram na China e tudo começou quando cientistas chineses, estudando o comportamento de um vírus, pegaram esse vírus, que já agia em um determinado corpo humano e o puseram em outro corpo humano vivo. Só que esse vírus era novo e também possuía a habilidade de transportar códigos do DNA do primeiro corpo para o segundo. Os cientistas acharam que era uma forma dele se sentir seguro e protegido em um segundo local desconhecido, mas foi mais que isso. Ao se

conectar com o segundo corpo e inserir o DNA trazido do primeiro corpo, os cientistas observaram umas pequenas mudanças. Olhem aqui... vejam esse gráfico... isso aqui é o corpo do primeiro hospedeiro. Esse aqui é o segundo hospedeiro. Vejam que são bem diferentes. (Carolina)

– Cara, são chineses. Eles são todos iguais. Já vi esses dois aqui na pastelaria da rua. (Nelson)

– Cala a boca... reparem na evolução dos dias; o segundo hospedeiro vai mudando e obtendo algumas características do primeiro. Estão vendo que ele era calvo e começou a nascer cabelo novamente? Eu tive acesso a esses gráficos na feira de ciência de Pittsburgh, nos Estados Unidos, ano passado. Na verdade, não tive acesso, mas meu querido namorado hackeou o sistema deles e consegui pegar pra mim. (Carolina)

– Tá, mas o que isso tem a ver com o que falamos aqui? (André)

– Você e seu namorado roubaram o vírus e isso está escondido aqui na casa da mamãe? (Marcus)

– Mas, o quê? (Dona Ida)

– Gente, vocês têm noção do que é isso? Nós vimos uma oportunidade; eu queria estudar isso mais a fundo e... (Carolina)

– E, nada. Você vai é devolver isso agora. Onde já se viu, Carolina? (Dona Ida)

– Mãe, calma! (Rosa)

– Calma, nada! Já pensou se a polícia bate aqui em casa? (Dona Ida)

– Pra pegar um vírus, mãe? Até eu, que não estudei muito, sei que isso não tem chance de acontecer. E, além do mais, isso já tem um ano. (Nelson)

– Mãe, se acalma. Eu já fiz avanços e tem tudo a ver com o que estamos conversando. Venham até o laboratório comigo! (Carolina)

Laboratório

– Mas, o que é isso? É o Pingo, o meu cachorro? (Rosa)

– Não. Esse é um cachorro da rua que eu peguei e trouxe pro laboratório. O Pingo estava muito doente e, no dia que o veterinário disse que tínhamos que sacrificá-lo inseri nele o vírus e retirei minutos antes de vocês o levarem. Quando vocês saíram, introduzi o vírus no cachorro aqui da rua. Óbvio que eu já havia estudado muito sobre isso e consegui deixar nele apenas as informações genéticas que eu queria que fossem levadas do Pingo pro outro cachorro. Vejam aqui no vídeo o que aconteceu. Estão vendo? É o Pingo, mas não é. Mesmo latido, pelo, tamanho, tudo! (Carolina)

– Você está me dizendo que consegue modificar o código genético de um ser vivo? Não só mudar, mas você consegue passar o código de um ser vivo pra outro? (Marcus)

– Sim, só não consegui seguir com o experimento. O Pingo morreu e... (Carolina)

– Calma aí, então você quer dizer que podemos, ou melhor, você pode modificar o DNA de humanos, tipo fazer um preto ficar branco? (Nelson)

– Sim, Michael Jackson. Mas, calma. Irmãzinha, vem cá, deixa eu entender: você está prestes a conseguir fazer essa troca entre humanos? (André)

– Sim, e aí, com esse papo que estávamos tendo... (Carolina)

– Você quer transformar os pretos em brancos... (Nelson)

– Para que a gente leve vantagem tipo numa situação igual à que o Marcus passou hoje? (Rosa)

– Não só isso. Podemos movimentar todo um sistema... (Marcus)

– Eu passaria em todos os testes... (Nelson)

– Eu não tô gostando nada disso. (Dona Ida)

– Mãe, isso é incrível. A senhora não percebe? (Rosa)

– Eu percebo que sempre que os pretos tentam se movimentar é essa excitação, que depois vira uma decepção na mesma proporção ou maior. (Dona Ida)

– Mãe, são outros tempos. A gente tem que tentar alguma coisa; ficar desse jeito é que não dá. (Marcus)

– Mas, vem cá, beleza, digamos que você me transforme em branco, como eu volto a ser preto novamente? (Nelson)

– Então, é isso que não deu tempo de fazer ainda. O Pingo morreu e eu não segui com os experimentos. (Carolina)

– Tá, mas o que tem que ser feito agora? Qual o próximo passo? (Rosa)

– Eu preciso de um computador melhor pra seguir com os experimentos. Como o Nelson disse, ao fazer um preto ficar branco, tenho que fazer ele voltar a ser preto novamente. (Carolina)

– Ok, disso eu cuido. Vamos comprar esse computador. Entra aí no site pra ver o que precisa. (Marcus)

– Não... duas semanas pra entrega. (Carolina)

– Que horas são? (Marcus)

– 19:17 (Carolina)

– Ainda dá tempo, vamos agora ao shopping! (Marcus)

Shopping

- Olha, irmão, é contra isso que eu quero lutar. Olha essas vitrines, todos os modelos brancos. Eu implico com o Nelson pela falta de entendimento dele enquanto negro. Olha isso. Nosso irmão é lindo, ele deveria estar aqui, não essas salsichas cruas. (Carolina)
- Hehehe... sabia que a mamãe era assim como você? (Marcus)
- Como assim? Mamãe só vive pra casa, não fala sobre essas questões nem nada. (Carolina)
- É uma longa história. Mamãe se formou nos Estados Unidos, você sabe disso, né? (Marcus)
- Sim. (Carolina)
- Só que, antes, ela estudou em Frankfurt, entre 1967 e 1969, e por lá conheceu uma mulher chamada Angela Yvonne Davis... (Marcus)
- Não!!!... Você tá brincando? Mamãe foi amiga de Angela Davis? Eu já li tudo sobre ela e... por que a mamãe nunca me contou sobre isso? (Carolina)
- Não só se tornou amiga de Angela, como foi com ela para os Estados Unidos e ingressou no “Partido Pantera Negra para Auto-defesa”. (Marcus)
- Irmão, isso é piada, né? Você está brincando comigo? (Carolina)
- Não, irmã. É uma história muito longa, outra hora te conto. Não comenta com a mamãe sobre, ela não gosta de entrar nesse assunto, traz muita tristeza pra ela... Ó, chegamos na loja. Qual é o computador que a gente precisa? (Marcus)
- É muita coisa, vou demorar um pouco. (Atendente)
- O quê!? Irmã, tem certeza que precisamos disso tudo? Olha o valor disso. (Marcus)
- Sim, irmão, é necessário. Confia em mim. (Carolina)
- Ok. Débito, por favor. (Marcus)

Casa de Dona Ida

- Promete pra mim que não vai comentar nada sobre o que conversamos com a mãe, ok? (Marcus)
- Ok, ok... (Carolina)

Sala

- Ajuda aqui! (Marcus)
- Gente, o que é isso? (Dona Ida)
- Compraram a loja toda? (Rosa)
- Ainda tem mais coisa lá no carro. Pega lá. (Marcus)
- Gente, eu sei que parece muita coisa e na verdade é muita coisa, mas é necessário... os tubos aqui desse lado... cuidado com essa caixa... nãããoo, está de cabeça pra baixo... (Carolina)
- Pronto. E agora? (Marcus)
- E agora? Agora tenho que seguir com os experimentos. (Carolina)
- Tá, mas em quem? Por que vocês estão me olhando assim? Mãããe... (Nelson)
- Calma, maninho, nem vai doer. (Carolina)
- O máximo que pode acontecer é ele ficar branco de vez... Hehehe. (Rosa)
- Ah, ele ia amar. Brincadeira... (Carolina)
- Do que a gente precisa agora? (André)
- Um branco aliado que tope fazer essa experiência sem que a gente se aprofunde muito nos detalhes. (Carolina)
- Ah! Então, você quer que um branco venha até aqui em casa, aceite virar preto, não só virar preto, mas aceite trocar de lugar com Nelson e não se aprofunde no assunto? (Rosa)
- Nada mal, né? Até porque quem não ia querer ser eu? Hehehe. (Nelson)
- Cala a boca! (Carolina)
- Quem, gente? (André)
- Já sei! Vocês lembram do Felipe? (Rosa)
- Ah, o seu namorado branco? E depois eu que sou o “palmitreiro”. (Nelson)
- Nem vem, que eu tinha 16 anos e ele foi o único branco que namorei. Esse título, irmãozinho, é só seu sim, tá, querido? Então... nós ficamos superamigos, ele é um branco aliado e sinto que ainda gosta de mim, mas não toca no assunto. Se eu pedir com jeitinho, acho que ele topa. (Rosa)
- Então, chama ele. (André)
- Mas falo o quê? “Ó, você pode vir aqui em casa? Estamos fazendo uma experiência que pode afetar o seu DNA”. (Rosa)
- Tecnicamente, não é isso. Se der errado, o DNA afetado será o do bonitão aí. (Carolina)
- Ah, pronto. Você acha que é fácil fazer um exemplar desse? (Nelson)

- Minha filha, isso é seguro? (Dona Ida)
- Mãe, confia em mim, eu só precisava de uma máquina mais potente e passar as anotações do caderno pro computador. Agora que consegui todo o material que eu precisava é só questão de tempo. Eu vou fazer o cachorro da rua voltar à forma normal e depois vou testar no meu irmão. Vai dar certo! (Carolina)
- Tá bom, filha. (Dona Ida)

Laboratório

- Vem cá, me ajuda aqui. Preciso que alguém pegue o gerador da mamãe e traga pra cá. Liga aqueles fios ali na máquina. Mãe, preciso conectar esse cabo à veia principal do cachorro. (Carolina)
- Minha filha, tem muitos anos que não faço isso. (Dona Ida)
- Mãe, claro que a senhora consegue. (Marcus)
- E agora? (Dona Ida)
- Agora eu programo a retirada do DNA do Pingo e espero o cachorro voltar ao normal. (Carolina)
- Meu Deus! Funciona, funciona! (André)
- Irmã, isso é incrível. (Rosa)
- Como isso é possível? Se alguém me contasse eu não teria acreditado. (Nelson)
- Mãe, você entende o que temos nas mãos? (Marcus)
- É, meu filho, tô tendo noção, mas ainda tenho medo. (Dona Ida)
- Entendo, mãe. Mas temos que enxergar além e tentar superar o passado. (Marcus)
- Não é fácil, meu filho. (Dona Ida)
- O que vocês estão cochichando aí, hein? (Carolina)
- Nada, não, minha filha. Estou tão orgulhosa de você... que mente brilhante você tem, meu amor. (Dona Ida)
- Tá, mas, e agora? É possível mesmo, em humanos? Tem alguma pesquisa sobre isso? (Rosa)
- Pesquisa, publicada, não tem. Existem algumas teorias e estudos que eram pra ser secretos, mas... (Carolina)
- Seu namorado roubou... (Nelson)
- Não roubou. Esses cientistas não têm a capacidade que eu tenho de evoluir com esses experimentos. (Carolina)

- O que mais gosto em você é a sua humildade... (Nelson)
- Mas é verdade. Olhem isso aqui. Há cerca de 400 mil anos habitava em nosso planeta uma espécie conhecida como Neandertais. Eles habitavam uma região denominada Eurásia e eram seres pacíficos. Já possuíam a habilidade de manusear o fogo e se relacionar enquanto sociedade. Porém, há uma linha científica baseada em pinturas em cavernas, sem muita divulgação, que mostram claramente a chegada de naves extraterrestres ao nosso planeta desde aquela época. (Carolina)
- Pronto. Agora me diz, o que os aliens têm a ver com isso tudo? (Nelson)
- Tudo a ver. Essas revelações desafiaram os cientistas. Depois dessa descoberta, e ao analisar dois fósseis datados de 30 mil anos atrás, período em que a Ciência entende como surgimento do Homo sapiens, há uma mudança genética abrupta em relação a essas duas espécies. (Carolina)
- Calma aí, irmã! Você tá querendo dizer que os extraterrestres modificaram o DNA dos Neandertais e os transformaram em Homo sapiens? (Marcus)
- Exato. Não só modificaram como quebraram o código genético dos Neandertais e colocaram partes do seu próprio DNA neles. Por isso essa mudança abrupta de aparência. Inclusive, essa pequena mudança carregava um gene “colonizatório”, conquistador, e fez com que essa nova espécie, os “Sapiens”, embora mais fracos fisicamente, desenvolvessem mecanismos de inteligência misturados com instinto de sobrevivência. Tudo leva a crer que os Neandertais evoluíram para os Homo sapiens depois da modificação do seu DNA. (Carolina)
- Mas, como nunca se falou disso? (André)
- Como iriam falar sobre? Se a população mundial tivesse 10% do conhecimento que as autoridades têm sobre os alienígenas, o mundo entraria em colapso. Imagina essas informações fundamentadas em estudos? Seria a extinção das religiões e suas teorias que dominam o povo com rédea curta. (Marcus)
- Entendem agora por que eu precisava ter acesso a essas informações? (Carolina)
- Ok, ok, entendi. Mas por que isso não é aplicado nos dias de hoje? (Rosa)
- Porque o ser humano é egoísta. Mas, graças ao bom senso, tem gente séria à frente dessas pesquisas. Eles só não são tão inteligentes quanto eu. (Carolina)
- Imagina o ser humano podendo se modificar geneticamente... as doenças acabariam, as pessoas viveriam mais e sem dor. (André)
- Sim. Em contrapartida, outros humanos nem tão humanos assim iriam optar por uma “linhagem perfeita”. Há relatos que Hitler teve acesso a essas